**JUDEUS E ALEMÃES**

**by Gershom Scholem**

(*JUDAISM* , NOVEMBER 1966)

Tradução de Julia H. Kato Ywata

Falar dos judeus e alemães e de suas relações ao longo de dois séculos é, no ano de 1966, uma empreitada melancólica. Mesmo hoje, tão grande é o peso das emoções que uma consideração imparcial ou análise da questão parece quase impossível; todos nós fomos moldados tão profundamente pela experiência de nossa geração que não nos permitimos tais expectativas de distanciamento. Hoje, há muitos judeus que consideram o povo alemão como um "caso perdido" ou, na melhor das hipóteses, como um povo com o qual, depois de tudo o que aconteceu, eles não querem nenhum tipo de relação, para o bem ou para o mal. Eu não me incluo entre eles, uma vez que não acredito que deva haver um estado permanente de guerra entre os povos. Também considero certo - e o que é mais importante, considero importante - que os judeus, precisamente enquanto judeus, falem aos alemães com plena consciência do que aconteceu e do que os separa. Para muitos de nós, a língua alemã, nossa língua materna, concedeu o presente de experiências inesquecíveis; ela definiu e deu expressão à paisagem de nossa juventude. Agora há uma espécie de apelo do lado alemão - tanto das profundezas da história quanto de uma geração mais jovem que está surgindo - e precisamente porque esse apelo é tão incerto e indeciso, de fato embaraçado, algo nele permanece que muitos de nós não desejam evitar.

Certamente, as dificuldades da generalização, como quando dizemos "os alemães" e "os judeus", intimidam o observador. Em tempos de conflito, no entanto, tais termos abrangentes provam ser fáceis de manipular; e o fato de essas categorias gerais serem vulneráveis a questionamentos nunca impediu as pessoas de usá-las de forma veemente. No entanto, muitas distinções devem ser feitas aqui. Pois nem todos os "alemães" são alemães e nem todos os "judeus" são judeus - com uma exceção terrível, é claro: quando o poder estava nas mãos dos alemães que realmente se referiam a todos os judeus quando falavam dos judeus, eles usaram esse poder da maneira mais eficaz possível para assassinar todos os judeus. Desde então, aqueles que sobreviveram a esse assassinato ou que não foram expostos a isso devido aos acidentes da história acham um tanto difícil fazer as devidas distinções. As perigosas armadilhas que acompanham qualquer generalização são bem conhecidas: arbitrariedade, contradições e incoerências. Os relacionamentos que estou discutindo são muito variados e únicos para serem abrangidos por qualquer afirmação geral que não possa ser contestada por outra diferente e quase igualmente defensável. E, no entanto, consciente como sou dessas dificuldades, quero deixar claro o que me move sobre este tema - certamente um dos temas que mais agitaram o mundo judaico nos últimos cento e cinquenta anos.

Em 1948, Alfred Doeblin, um escritor judeu que se converteu ao catolicismo em sua velhice, escreveu a outro judeu que ele deveria ter cuidado ao se dirigir a uma plateia alemã e evitar o uso da palavra "judeu", pois na Alemanha ainda era um termo de insulto; apenas os antissemitas ficariam satisfeitos com seu uso. Segundo Doeblin, o antissemitismo estava enraizado entre os alemães e mais malicioso - no ano de 1948 - do que antes de 1933. Na verdade, eu mesmo posso atestar que em 1966 muitos alemães que gostariam de se dissociar dos nazistas (ocasionalmente como uma reflexão tardia), em certa medida ainda confirmam a validade das observações de Doeblin com sua evidente aversão a chamar qualquer judeu de judeu, a menos que ele insista absolutamente nisso. Depois de terem sido assassinados como judeus, os judeus agora foram renomeados ao status de alemães, em uma espécie de triunfo póstumo; enfatizar sua identidade judaica, portanto, seria uma concessão ao antissemitismo. O esforço de evitar enfrentar as realidades da relação entre judeus e alemães chegou a um ponto bastante perverso - e tudo em nome do progresso. Mas é precisamente o enfrentamento dessas realidades que considero ser a tarefa tanto dos alemães quanto dos judeus, o que significa que quando falamos do destino dos judeus entre os alemães, não podemos falar enfaticamente o suficiente dos judeus enquanto judeus. A atmosfera entre judeus e alemães só pode ser limpa se buscarmos a fundo sua relação e se empregarmos a crítica irrestrita que o caso requer. E isso é difícil: para os alemães, porque o assassinato em massa dos judeus se tornou o maior pesadelo de sua existência moral como povo; para os judeus, porque essa clarificação exige uma distância crítica de fenômenos cruciais de sua própria história. O amor, na medida em que existiu uma vez, foi afogado em sangue; seu lugar agora deve ser ocupado pelo conhecimento histórico e clareza conceitual - as precondições para uma discussão que talvez possa dar frutos no futuro. Se for séria e não demagógica, tal discussão deve ser abordada em um nível além dos fatores e interesses políticos e econômicos que foram ou estão em negociação entre o Estado de Israel e a República Federal da Alemanha. Não tenho qualquer competência nesta área e não pretendo me referir a ela em nenhum momento. Nem tenho certeza de que isso possa nos ajudar a fazer as perguntas certas ou na tentativa de respondê-las.

Até a segunda metade do século XVIII e, em certa medida, mesmo além dessa época, os judeus na Alemanha levavam essencialmente a mesma existência que os judeus em qualquer lugar. Eles eram claramente reconhecíveis como uma nação; possuíam uma identidade inconfundível, uma consciência nitidamente definida de si mesmos e uma história milenar própria. Independentemente de como eles próprios ou os povos ao seu redor avaliassem essa história, os judeus participavam de uma ordem religiosa que penetrava com extrema intensidade sua vida e cultura. Na medida em que a influência do ambiente alemão - e essa influência nunca esteve completamente ausente - penetrava no *Judengasse*, isso acontecia não porque os judeus se voltassem deliberadamente para ela e a abraçassem, mas em grande parte por meio de um processo quase inconsciente de osmose. É claro que os valores culturais alemães frequentemente se transformavam em valores judaicos (e, linguisticamente, em iídiche). Além disso, dois grupos nos polos extremos da sociedade judaica mantinham contato com os alemães (embora um contato especial e perigoso, sujeito às mínimas mudanças das condições políticas ou sociais): o elemento economicamente mais forte - como era representado pelo fenômeno do *Hofjudentum* - a administração judaica das finanças da corte - e o grupo no mais baixo nível da escala social que se relacionava com o submundo. Contudo, as relações conscientes entre as duas sociedades como um todo permaneceram tão delicadas durante os dois séculos que antecederam o período de emancipação que nada seria mais tolo do que falar de um apego íntimo entre os judeus alemães e a Alemanha naquela época. Não existia sequer uma condição prévia para tal apego, seja entre os judeus, cuja cultura religiosa era em grande parte autocontida e estranha ao mundo alemão, seja entre os alemães. Ambas as partes sabiam que os judeus estavam no exílio, e, independentemente de suas respectivas opiniões sobre o significado desse exílio, não havia dúvida quanto ao seu significado duradouro para a condição social dos judeus.

Por outro lado, enquanto a esmagadora maioria dos judeus vivia dentro dos moldes da tradição, um molde fundido por sua história material e espiritual durante os longos séculos de exílio, não se pode negar o fato de que, na segunda metade do século XVIII, uma grave fraqueza no cerne de sua judaicidade tornou-se visível. Era como se tivessem chegado ao nadir/ao ponto mais inferior de uma fase de sua existência histórica e não estivessem mais certos de para onde o caminho os levaria. Essa fraqueza já estava evidente na época em que Moses Mendelssohn iniciou sua carreira como uma espécie de reformador conservador entre os judeus alemães. Com ele, e acima de tudo com a escola que ele inspirou, iniciou-se entre os judeus um processo consciente de se voltarem para os alemães, um processo posteriormente agraciado e impulsionado por forças históricas poderosas. Teve início uma campanha de propaganda pela absorção decidida dos judeus pela cultura alemã e, pouco depois, pela absorção pelo próprio povo alemão. Também se principiou a luta dos judeus por direitos civis, uma luta que se estendeu por três ou quatro gerações e que foi finalmente vencida porque - não nos enganemos a respeito disso - foi conduzida em seu nome por uma camada decisiva e vitoriosa entre os não-judeus.

Essa luta pelos direitos civis, que foi promovida tanto pela Revolução Francesa quanto pelo Iluminismo alemão, iniciou uma mudança significativa na comunidade judaica alemã. Inicialmente, a mudança foi hesitante e incerta, assim como os judeus que a estavam experimentando frequentemente exibiam incerteza e constrangimento. Eles ainda tinham um forte senso de sua identidade como povo judaico, embora frequentemente não entendessem o significado dessa identidade, que havia sido ou estava em processo de se perder. Mas, para colocar o caso de forma explícita, eles também começaram a lançar olhares infinitamente desejosos e furtivos para o âmbito da história alemã - como uma possível substituição para o âmbito judaico -, algo que se tornou tão característico em sua relação com os alemães nos próximos cem anos e mais. Os elementos da comunidade judaica alemã que se uniram a esse processo apenas com as maiores reservas - especialmente os outrora preponderantes e ainda muito fortes círculos tradicionalmente piedosos - foram marcados por nada mais distinto do que um silêncio oprimido, rompido apenas raramente por vozes diretas de advertência; era como se estivessem se afastando de seu próprio sofrimento. De qualquer forma, até cerca de 1820, quando os judeus da Alemanha eram mencionados, quase exclusivamente eram referidos como membros da nação judaica na Alemanha. Nas duas gerações seguintes, no entanto, o uso da linguagem muda completamente; termos como "persuasão mosaica" e expressões semelhantes, favorecidas tanto pelos judeus quanto pelos alemães, começaram então sua carreira.

Os olhares furtivos lançados pelos judeus em direção aos alemães foram desde o início acompanhados por consideráveis deslocamentos, que em um estágio posterior do processo levariam a amargos problemas. Como preço pela emancipação judaica, os alemães exigiram uma renúncia à nacionalidade judaica - um preço que os principais escritores e porta-vozes da vanguarda judaica estavam mais do que felizes em pagar. Pois o que começara como olhares furtivos logo se transformou em um envolvimento apaixonado com os domínios da história alemã; e os objetos da tolerância esclarecida não raramente se tornaram profetas ardentes, preparados para falar em nome dos próprios alemães. O leitor atento das reações alemãs a esse processo e suas acrobacias logo percebe uma nota recorrente de espanto e uma ironia que é em parte amável, em parte maliciosa. Com a renúncia a uma parte crucial da existência judaica na Alemanha, o terreno estava preparado para o que parece a muitos de nós ter sido um começo completamente equivocado na história das relações modernas entre judeus e alemães - mesmo que, dadas as condições de 1800, ele possuísse uma certa lógica imanente própria.

Quando as nações ocidentais emanciparam o povo de Israel, não o aceitaram como Israel, para citar Martin Buber, "mas sim como uma multidão de indivíduos". Entre os não judeus, os mais fervorosos defensores da causa dos judeus eram precisamente aqueles que mais consciente e articuladamente contavam com o desaparecimento dos judeus como/enquanto judeus - aqueles que, de fato, como Wilhelm von Humboldt, consideravam o desaparecimento dos judeus como um grupo étnico uma condição para apoiar sua causa. Os liberais esperavam a progressiva autodissolução judaica. Os conservadores, no entanto, com seu maior senso de história, tinham reservas em relação a esse novo fenômeno. Eles começaram a acusar os judeus de renunciarem facilmente à sua consciência étnica. Assim, uma dialética sinistra e perigosa emergiu. A auto renúncia dos judeus, embora bem vinda e até exigida, muitas vezes era vista como evidência de sua falta de substância moral e, assim, contribuía para o desprezo com que eram tratados por muitos alemães. Pois, o que poderia valer uma herança se a elite de próprios seus herdeiros escolhidos estivesse tão ansiosa para renegá-la?

No que diz respeito aos socialistas, a invectiva grotesca e repugnante de Karl Marx em *Sobre a Questão Judaica* (1844) pode ser considerada um sinal de sua frivolidade e ignorância; eles estavam completamente perdidos diante das questões envolvidas nessa nova reviravolta dos acontecimentos e não podiam fazer mais do que pressionar pela dissolução do povo judaico e de sua consciência histórica, uma dissolução a ser completada com a chegada e a vitória da Revolução. Não conseguiam enxergar sentido algum em considerar os judeus como participantes ativos em qualquer encontro significativo.

Assim era a perigosa dialética de todo o processo. Os judeus lutaram pela emancipação – e esta é a tragédia que tanto nos comove hoje em dia – não em busca de seus direitos como povo, mas com o objetivo de se assimilarem às nações entre as quais viviam. Com sua disposição de abrir mão de sua identidade como povo, por meio deste ato de renúncia, não puseram fim à sua miséria; eles apenas abriram uma nova fonte de agonia. A assimilação não resolveu a questão judaica na Alemanha; em vez disso, deslocou o foco da questão e a tornou ainda mais aguda, pois, à medida que a área de contato entre os dois grupos se expandia, também se expandiam as possibilidades de conflito. A "aventura" da assimilação, na qual os judeus se lançaram com tanta paixão (é fácil de entender o porquê), necessariamente aumentou os perigos decorrentes da tensão crescente. Além disso, havia algo "desordenado" – em duplo sentido – nos judeus expostos a esse novo encontro com os alemães: eles estavam "desordenados" pelas consequências pessoais e sociais das condições indignas sob as quais eram forçados a viver; e estavam "desordenados" pela profunda insegurança que começou a persegui-los no momento em que deixaram o gueto para, como a fórmula dizia, "se tornarem alemães". Essa dupla desordenação dos judeus alemães foi um dos fatores que retardaram, perturbaram e, eventualmente, levaram a um fim terrível o processo - ou julgamento - que agora se iniciava com tanta seriedade e sinceridade. A recusa de tantos judeus alemães em reconhecer a atuação de tais fatores e a dialética que testemunhavam está entre as descobertas mais tristes feitas pelos leitores de hoje das discussões daquela época. A confusão emocional dos judeus alemães entre 1820 e 1920 é de considerável importância para quem deseja compreendê-los como grupo, um grupo caracterizado por essa "judeidade alemã" (*Deutschju-dentum*) com a qual muitos de nós nos deparamos em nossa juventude e que nos estimulou à resistência."

Ao mesmo tempo, no entanto, e bem no meio de toda essa insegurança, algo inesperado aconteceu: a criatividade há muito enterrada dos judeus foi liberada. É verdade que, ao se lançarem tão avidamente em um novo mundo, os judeus renunciaram à segurança que sua antiga tradição lhes havia uma vez concedido e continuaria a conceder de maneira frequente e impressionante àqueles que a mantinham. Mas a perda de segurança pode resultar em um surto de energias produtivas. E assim aconteceu com muitos judeus que se envolveram na emocionante "aventura" da assimilação: eles descobriram que ela despertava qualidades neles que, sob a antiga ordem, haviam permanecido adormecidas ou esquecidas por muito tempo. Aqui temos os aspectos positivos do processo que estávamos examinando - aspectos que se tornariam significativos para os judeus, mesmo para aqueles que viviam muito além das fronteiras da Alemanha; é apropriado que os examinemos e os esclareçamos neste ponto.

A paixão judaica pelas coisas alemãs está ligada ao momento histórico específico em que nasceu. No momento em que os judeus deixaram para trás seu estado medieval em direção à nova era do Iluminismo e da revolução, a esmagadora maioria deles, cerca de 80%, vivia na Alemanha, Áustria-Hungria e Europa Oriental. Devido às condições geográficas, políticas e linguísticas predominantes, a cultura alemã foi a primeira que a maioria dos judeus encontrou em seu caminho em direção ao Ocidente. Ademais - e isto é decisivo -, o encontro ocorreu precisamente no momento em que essa cultura havia atingido um de seus pontos de virada mais frutíferos. Era o auge da era burguesa na Alemanha, uma era que produziu uma imagem das coisas alemãs que, até 1940 e entre amplas classes de pessoas, permaneceria inabalável, mesmo diante de muitas experiências amargas. Assim, uma criatividade judaica recém-desperta, que viria a assumir formas impressionantes após 1780, se cruzou com um grande período de criatividade alemã. Pode-se dizer que foi um momento feliz, e de fato, não há paralelos na história dos encontros judaicos com outros povos europeus. O resultado líquido foi o forte brilho/esplendor que recaiu sobre todas as coisas alemãs. Mesmo hoje, depois de tanto sangue e tantas lágrimas, não podemos dizer que foi apenas um brilho/esplendor enganador/traiçoeiro. Também foi mais, tanto na realidade como em potencial.

Para os judeus, a Alemanha era definida e simbolizada pelos nomes de Lessing e Schiller, especialmente Schiller, cuja importância na formação das atitudes judaicas em relação à Alemanha era quase incalculável e raramente apreciada pelos próprios alemães. Para gerações de judeus na Alemanha e, em grande medida, para judeus fora da Alemanha, Schiller, porta-voz da humanidade pura, poeta sublime dos ideais mais elevados da humanidade, representava tudo o que eles consideravam, ou desejavam considerar, como sendo alemão, mesmo quando, na Alemanha do último terço do século XIX, sua linguagem já começava a soar oca. A Schiller, que nunca se dirigiu diretamente a eles, os judeus de fato respondiam, e para muitos judeus, seu encontro com ele foi mais real do que seu encontro com os próprios alemães. O romantismo alemão tinha significado para muitos judeus, mas Schiller significava algo para todos os judeus. Ele foi um fator na crença judaica na humanidade. Ele proporcionou a mais visível, impressionante e ressonante ocasião para a auto ilusão idealista engendrada nas relações dos judeus com os alemães. Para o novo judeu que havia perdido sua autoconfiança, o programa de Schiller parecia prometer tudo o que ele buscava com tanto fervor; o judeu não ouvia falsidades nele, pois esta era uma música que falava às profundezas de sua alma. O colapso desse diálogo talvez contenha um dos segredos do colapso geral das relações entre judeus e alemães. Afinal, Schiller, a quem seu amor se apegava com tanta paixão, não era qualquer um; ele foi o poeta nacional da Alemanha, considerado como tal pelos próprios alemães de 1800 a 1900.

Neste caso, os judeus não "erraram o endereço", como muitas vezes aconteceu. Neste caso, uma ponte havia realmente sido construída entre eles e os alemães, construída a partir da mesma paixão sem limites que levou um número de judeus russos, que, por contraste, buscavam o caminho para a humanidade entre o próprio povo judeu, a adotarem literalmente o nome de Schiller como seu próprio; um dos mais nobres membros do movimento sionista, Salomo Schiller, é um exemplo notável dessa prática. Infelizmente, no entanto, a tarefa de construir pontes foi perseguida apenas pelos judeus. Para os alemães de épocas posteriores, o entusiasmo judaico por Schiller parecia apenas cômico ou tocante. Raramente havia um alemão que se comovesse com a ideia de que aqui, para variar, poderia haver muito terreno comum.

III

A primeira metade do século XIX foi um período em que judeus e alemães se aproximaram notavelmente. Durante esse período, uma quantidade extraordinária de ajuda veio do lado alemão, com muitos judeus individuais recebendo cooperação em sua turbulenta luta pela cultura. Certamente não faltava boa vontade naquela época; lendo as biografias da elite judaica do período, encontram-se repetidamente evidências da compreensão que encontraram, mesmo em círculos decididamente cristãos, como os morávios. Mas, de acordo com a dinâmica interna do processo que temos examinado, as coisas não permaneceram no nível de uma mera luta pela cultura. Os judeus estavam em um ponto de transição radical do modo de vida tradicional - que ainda tinha influência sob a maioria deles - para o germanismo. Na efetivação dessa transição, de acordo com uma fonte contemporânea, "a educação nacional alemã dos judeus e sua participação nos interesses gerais da humanidade e dos cidadãos aparece como a tarefa mais essencial, à qual todos que esperam algo de si mesmos deveriam se dedicar". A formulação é de Moritz Lazarus, um representante bastante rigoroso da própria tendência que defendia - ele próprio completou a transição do judaísmo talmúdico puro para o novo modo de vida alemão-judaico em meros cinco anos! O incessante anseio judaico por um lar logo se transformou na ilusão eufórica de se estar em casa. É de conhecimento geral, bem como fácil de entender, que a velocidade dessa transformação - que até hoje impressiona -, a pressa desse rompimento dos judeus, não foi acompanhada por uma reação recíproca igualmente rápida por parte dos alemães. Uma vez que os alemães não sabiam que estavam lidando com processos tão profundos de decadência na tradição judaica e na autoconsciência judaica, e recuaram de todo o procedimento. Embora tivessem eventualmente aprovado o resultado do processo - que pelo menos estava de acordo com a ideologia liberal predominante e, em grande medida, com a ideologia conservadora predominante - eles estavam completamente despreparados para esse ritmo, que lhes pareceu acelerado demais e cuja agressividade os deixou na defensiva. Era inevitável que essa atitude defensiva se combinasse com as correntes de opinião que, desde o início, reagiam a todo o processo com antipatia e que, desde a geração pós-Mendelssohn, nunca careceram de porta-vozes eloquentes.

Fazia todo o sentido falar de um "povo anfitrião" cujos convidados eram os judeus. Mesmo nas melhores circunstâncias, era como um hóspede sendo aceito na família, mas sujeito a ser dispensado se não cumprisse os requisitos. Isso ficou especialmente claro quando se tratava dos liberais. A conversa que ocasionalmente se ouve hoje sobre uma fusão que teria progredido muito bem caso o nazismo não tivesse surgido entre a grande maioria dos judeus e dos "cidadãos de uma fé diferente" (a frase foi usada em uma publicação por um judeu na Alemanha de 1965!) - essa conversa não passa de um desejo retrospectivo. Sem dúvida, a completa submissão ao povo alemão de tantos indivíduos que, em suas autobiografias (que estão disponíveis em abundância), se definiam como "de origem judaica" - porque não tinham mais nenhum outro vínculo interno com a tradição judaica, muito menos com o povo judeu - constitui um dos fenômenos mais chocantes de todo esse processo de alienação. Infinitamente longa é a lista de perdas judaicas para os alemães, uma lista de talentos e realizações judaicas grandes e frequentemente impressionantes que foram oferecidos aos alemães. Quem pode ler sem emoção a história daqueles que, até o ponto de suicídio, mantinham a alegação de que eram melhores alemães do que aqueles que os estavam levando à morte? Hoje, quando tudo já terminou, não é de se surpreender que haja muitos que desejam reconhecer essa reivindicação como justa. Essas pessoas fizeram sua escolha, e não devemos contestar o direito dos alemães a eles. E, no entanto, isso nos deixa inquietos/desconfortáveis, pois, mesmo em sua completa alienação de tudo o que é "judaico", algo é evidente em muitos deles, de Karl Marx e Lasalle a Karl Kraus, Gustav Mahler e Georg Simmel, que foi sentido como substancialmente judaico por judeus e alemães - por todos, de fato, exceto por eles mesmos.

Ninguém definiu mais acertadamente esse distanciamento dos judeus de si mesmos do que Charles Péguy, que teve uma visão da condição judaica raramente atingida, para não dizer superada, por não judeus. A ele devemos a frase: "Estar em outro lugar: o grande vício desta raça, a grande virtude secreta, a grande vocação deste povo" (“Etre ailleurs, le grand vice de cette race, la grande vertue secrete, la grande vocation de ce peuple”). Esse "estar em outro lugar", combinado com o desejo desesperado de "estar em casa" de maneira ao mesmo tempo intensa, frutífera e destrutiva. É a chave para entender a relação dos judeus com os alemães. É o que torna a posição simbólica deles tão atraente e envolvente para o observador atual, e é também o que na época os fazia parecer repugnantes, agir sob falsas pretensões e provocar deliberadamente a oposição. Os judeus alemães não se beneficiaram do que hoje, em circunstâncias muito diferentes, lhes investe significado positivo para uma parte importante do mundo e lhes dá consideração especial: estou falando da apreciação atualmente difundida dos judeus como representantes clássicos do fenômeno da alienação do homem em relação à sociedade. O judeu alemão foi considerado o responsável pela sua própria alienação do solo judaico que o nutriu, de sua própria história e tradição, e foi culpado ainda mais por sua alienação da sociedade burguesa que na época estava se consolidando. O fato de realmente não estar em casa, por mais enfaticamente que pudesse afirmar estar - a “falta de lar”/a “falta de pátria”/o "deslocamento"/a “errância”/o “nomadismo” que hoje às vezes é considerado em sua glória por ser entendido como uma imagem da condição humana -, constituía, em uma época em que a alienação ainda era um termo pejorativo, uma acusação poderosa. E é em conformidade com uma situação tão distorcida que a grande maioria dos judeus, e especialmente aqueles que tinham o mais alto grau de consciência, concordaram com esse julgamento de sua situação; é por isso que, mesmo diante do ceticismo que fazia parte de seu ambiente alemão, eles aspiravam a, ou reivindicavam um profundo apego às coisas alemãs e um sentimento de estar em casa.

O ingresso dos judeus na sociedade alemã, no entanto, foi um processo multifacetado. É, por exemplo, um fato importante que, durante as gerações de ingresso, os judeus tenham perdido em grande parte sua própria elite através do batismo e casamentos mistos. No entanto, esse fato também aponta para variações marcantes no processo, porque nem todos os judeus estavam de forma alguma dispostos a ir tão longe. É verdade que segmentos muito amplos da comunidade judaica alemã estavam dispostos a liquidar sua identidade como povo, mas eles também desejavam - certamente em graus variados - preservar sua identidade judaica como uma espécie de herança, como uma crença, como um elemento inexprimível/inacessível/impossível de se entender e indefinível, ainda que claramente presente em sua consciência. Embora isso seja frequentemente deixado de lado atualmente, eles não estavam prontos para a assimilação total que a maioria de sua elite buscava. Seus sentimentos podem ter sido incertos e confusos, mas a fuga de sua própria vanguarda era mais do que estavam dispostos a aceitar.

Essas sangrias/Esses sangramentos contínuos, através dos quais os judeus perderam seus elementos mais avançados para os alemães, constituem um aspecto crucial - e, do ponto de vista judaico, bastante melancólico - da chamada simbiose judaico-alemã, que está sendo discutida atualmente com tanto prazer e imprudência/descuido profuso. Foi a pequena burguesia, os cidadãos mais comuns, que compunham o corpo principal da comunidade judaico-alemã durante o século XIX e a partir dela teve que ser formada uma classe inteiramente nova de líderes em cada geração. Raramente se encontram descendentes entre os judeus do século XX das famílias que, após 1800, lideraram a "ruptura" em favor das coisas alemãs. Por outro lado, as classes mais baixas foram quase inteiramente mantidas dentro dos limites do judaísmo, embora um judaísmo agora diluído - ou melhor, seco e esvaziado: um judaísmo composto de uma curiosa mistura da "religião da razão" com fortes, frequentemente renegadas, pressões emocionais. A atitude desses judeus em relação aos desertores flutuava muito, como indicado por sua resposta ao singular fenômeno de Heinrich Heine: variava desde uma rejeição sensível até uma quase tranquila indiferença. Certamente, Heine era um caso limítrofe. Ele podia dizer de si mesmo que nunca retornaria ao judaísmo porque nunca o teria abandonado.

Em meio a isso, não devemos deixar de considerar as tensões internas da sociedade judaica, que não exerceram pouca influência sobre a relação dos judeus com o ambiente alemão. A Alemanha, afinal, foi o cenário de discussões especialmente amargas entre os piedosos da velha escola - os *Landjuden* e seus líderes - de um lado, e os "neólogos" ou Reformadores, de outro, com estes últimos rapidamente ganhando preponderância, se não numericamente, pelo menos social e politicamente. O termo "assimilação" foi usado pela primeira vez por seus defensores no sentido positivo de um ideal; mais tarde, quando os sionistas lançaram a palavra de volta a eles com desprezo e como forma de abuso, ficaram duplamente indignados por serem chamados de "assimilacionistas". A tendência à assimilação, que se manifestou de várias formas, era certamente significativa. No entanto, não se pode dizer inequivocamente até que ponto os defensores da assimilação estavam dispostos a ir na época, e nem todas as instâncias da assimilação podem ser julgadas da mesma forma. Em todo caso, no entanto, do lado judeu existia uma postura fortemente crítica em relação aos judeus e ao judaísmo tradicional, e é bem sabido com que frequência, em casos individuais, essa postura se intensificou até atingir aquelas formas extremas que reconhecemos como antissemitismo judaico. Afinal, é a um judeu alemão que havia abandonado o judaísmo - embora, como ele próprio dissera, "obviamente sabia que isso era impossível" - que devemos o que um crítico chamou de "as exposições mais cruas" da burguesia judaica de Berlim que já existiram, e que permanecerão como um documento sinistro da realidade judaico-alemã; estou me referindo aos monólogos de Herr Wendriner, escritos por Kurt Tucholsky. Os antissemitas se esforçaram para retratar os judeus da pior maneira possível, mas seus escritos são curiosamente forçados e ocos. O ódio está lá, mas não há conhecimento do assunto e nenhuma sensibilidade. Não é de se surpreender, assim, que tenha sido um dos mais talentosos, convictos e ofensivos antissemitas judeus a realizar em nível definitivo o que os próprios antissemitas não foram capazes de realizar.

Com frequência encontramos representantes de lados extremos dentro da mesma família - por exemplo, os irmãos Jacob e Michael Bernays (cuja sobrinha se tornou a esposa de Sigmund Freud). Jacob, um filólogo clássico de alto nível, permaneceu leal à forma mais estrita da ortodoxia judaica, chegando até o ponto da neurose; Michael abandonou o judaísmo para se aventurar em uma carreira ainda mais ilustre como estudioso no campo dos estudos germânicos e como um dos principais intérpretes críticos de Goethe. Após a separação, os dois irmãos nunca mais se falaram. Uma divergência semelhante ocorreu entre dois primos da família Borchardt. Um deles, o escritor Georg Hermann, retratou a burguesia judaica de Berlim do século XIX de uma maneira jamais superada - de forma crítica, irônica, mas ao mesmo tempo amorosa. O outro primo, o extraordinariamente talentoso Rudolf Borchardt, convencido de que havia aniquilado tudo o que era judaico dentro de si, tornou-se o mais eloquente porta-voz do tradicionalismo cultural alemão conservador. Ele foi a única pessoa a ler sua obra que não se alarmou com o paradoxo.

A maioria dos judeus alemães, como já dito, não estava preparada para "ir até às últimas consequências", mas procurou um caminho intermediário. Contudo, apenas raramente os judeus se beneficiaram de sua talentosa prole. As exceções incluem figuras bem significativas, embora problemáticas, como Leopold Zunz, o fundador da "ciência do judaísmo" (*Wissenschaft vom Judentum*), Ludwig Steinheim e Hermann Cohen, os dois pensadores religiosos alemães-judeus mais destacados, e Abraham Geiger e Samson Raphael Hirsch, os grandes opostos da liderança rabínica alemã. A maioria das mais capazes mentes judias, no entanto, enriqueceu a sociedade alemã com uma profusão admirável em campos como a economia, a ciência, a literatura e a arte. Em um famoso ensaio, o grande sociólogo americano Thorstein Veblen escreveu sobre a "preeminência intelectual" dos judeus; foi essa preeminência que selou o destino deles na Alemanha. No tocante a seu papel econômico, os judeus serviram como uma força progressista no desenvolvimento da Alemanha do século XIX, mas muito tempo depois de não haver mais necessidade disso, eles continuaram a exercer - especialmente no século XX - uma função cultural que desde o início despertou inquietação e resistência, e que nunca lhes trouxe benefícios. O fato de que os alemães de fato precisavam dos judeus em seu mundo espiritual agora, no momento em que eles não estão mais presentes, é percebido por muitos, e há luto pela perda. Mas quando os judeus estavam lá, eram uma fonte de irritação (querendo ou não).

Até a metade do século XIX, a grande maioria dos alemães havia finalmente se reconciliado com a emancipação política dos judeus, mas não havia uma prontidão correspondente na aceitação do movimento irrestrito dos judeus nos escalões/no nível dos culturalmente ativos. Evidentemente, os judeus, com sua longa tradição intelectual, se consideravam feitos sob medida para desempenhar papel ativo entre a elite alemã. No entanto, foi precisamente este fator que estimulou uma resistência que se tornaria cada vez mais vigorosa e virulenta, e derradeiramente impediu que o processo de aceitação tivesse alguma chance de se completar. Assim, de modo geral, o caso de amor entre os judeus e os alemães permaneceu unilateral e não correspondido; na melhor das hipóteses, despertava algo parecido com compaixão (como no caso de Theodore Fontane, para citar apenas um exemplo famoso, mas dificilmente inequívoco) ou gratidão. Porém, se os judeus de fato ocasionalmente encontraram gratidão, quase nunca encontraram o amor que buscavam.

Entre os judeus havia gênios incompreendidos, profetas sem honra, homens brilhantes que defendiam a justiça e que também se destacavam - em grau surpreendente - dentre os grandes espíritos entre os próprios alemães. (Assim, quase todas as interpretações críticas mais importantes de Goethe foram escritas por judeus!) Mas entre os alemães, nunca houve alguém que se levantasse em defesa dos gênios incompreendidos judeus. Nada na literatura alemã corresponde às inesquecíveis páginas em que Charles Péguy, o católico francês, retratou Bernard Lazare como um verdadeiro profeta de Israel, e isso em um momento em que os próprios judeus franceses - por vergonha ou malícia, rancor ou estupidez - não souberam fazer nada além de tratar um de seus maiores homens com um silêncio mortal. Nada corresponde a isso/ se equipara a isso no amplamente discutido diálogo judaico-alemão - um diálogo que na verdade nunca aconteceu. Em um momento em que ninguém dava a mínima para eles, nenhum alemão se manifestou para reconhecer o gênio de Kafka, Simmel, Freud ou Walter Benjamin - para não mencionar reconhecê-los como judeus. A preocupação atual e tardia com essas grandes figuras não muda esse fato.

Apenas alguns poucos alemães - alguns de seus espíritos mais nobres, sem dúvidas - possuíam a abertura/receptividade da verdadeira humanidade que lhes permitia ver e aceitar o judeu como judeu. Um deles era Johann Peter Hebel, que valorizava o judeu pelo que ele tinha a oferecer, em vez de pelo que tinha a renunciar. Mas era precisamente entre os liberais que foram frequentemente expressas reservas inegáveis ​​sobre os judeus. Quando Fritz Reuter, um típico membro da *intelligentsia* liberal do norte da Alemanha, fez um discurso em 1870 para celebrar a unificação da Alemanha, não conseguiu pensar em nada melhor do que apresentar acusações contra aqueles "miseráveis canalhas judeus como Heinrich Heine" que supostamente careciam de patriotismo. O sentimento de que a emancipação dos judeus anunciava o aparecimento de tendências radicais e subversivas era generalizado. E, de fato, durante um século de proeminência no jornalismo, os judeus realmente desempenharam um papel muito visível na crítica dos assuntos públicos alemães - um papel profundamente enraizado em sua história, bem como em sua posição e função social. Em reação a esse papel, o fenômeno do antissemitismo - ao qual os judeus responderam com peculiar cegueira - começou a estender seus tentáculos malignos. O antissemitismo assumiria um significado esterilizante e destrutivo nos anos de 1880 a 1930, um período de relações cada vez mais tensas entre os judeus e os alemães. Não é necessário enfatizar as condições sociais e políticas específicas sob as quais as formas mais radicais de antissemitismo acabaram por dominar a Alemanha. Entretanto, nada é menos defensável do que a opinião de que o nacional-socialismo surgiu, por assim dizer, do nada, ou que foi exclusivamente um produto do pós-Primeira Guerra Mundial. O antissemitismo não poderia ter se tornado tão virulento como se tornou, ou ter liberado todas as suas consequências assassinas, sem uma extensa pré-história. Não são poucos os tratados do século XIX contra os judeus que hoje se parecem com documentos totalmente incontestáveis do nazismo do século XX, e talvez nenhum seja mais sinistro do que o *Das Judentum in der Fremde* (1869) [“Judaísmo no Exterior”] de Bruno Bauer. Aqui encontra-se tudo o que foi pregado mais tarde no Reich de mil anos, e em formulações igualmente radicais. E este documento veio da pena de um dos líderes da antiga esquerda hegeliana. Ademais, não faltaram variedades mais "sublimes" do antissemitismo - o tipo que, logo após a Primeira Guerra Mundial, encontrou expressão em obras como a *Secessio Judaica* de Hans Blüher. Tais obras, oscilando entre admiração e ódio, e encarnando uma metafísica degenerada sob a forma de um antissemitismo polido/gentil, deram o tom para a metafísica mais assassina que estava por vir. Talvez nada nos deprima mais hoje do que a incerteza vacilante de muitos alemães, incluindo alguns de seus melhores intelectos, diante dessa maré escura.

Max Brod falou do ideal de "amor à distância" como aquilo que deveria ter governado as relações entre alemães e judeus. Este conceito é dialético: a distância pretende evitar uma intimidade excessivamente grosseira, mas ao mesmo tempo criar um desejo de preencher a lacuna. Isso certamente poderia ter sido uma solução para o período em discussão, ao menos se ambas as partes tivessem concordado com ela. No entanto, o próprio Brod admite que onde há amor, o sentimento de distância desaparece - isso era verdade para os judeus - e onde há distância, nenhum amor pode surgir - isso era verdade para a grande maioria dos alemães. Podemos admitir que com o "amor à distância" os dois parceiros pudessem ter administrado mais bondade, mente aberta e compreensão mútua. Mas os subjuntivos históricos são sempre ilegítimos. Se é verdade que, como percebemos agora, o "amor à distância" seria a resposta sionista correta para a crescente crise nas relações entre judeus e alemães, também é verdade que a vanguarda sionista chegou a ela tarde demais. Uma vez que, durante as gerações que antecederam a catástrofe, os judeus alemães - cujo senso crítico era tão famoso entre os alemães quanto irritante para eles - se destacaram por uma falta surpreendente de discernimento crítico em relação à sua própria situação. Uma atitude "edificante" e apologética, uma falta de franqueza crítica, contamina quase tudo o que escreveram sobre a posição dos judeus no mundo alemão das ideias, da literatura, da política e da economia.

A disposição de muitos judeus em inventar uma teoria que justificasse o sacrifício de sua existência judaica é um fenômeno chocante, com inúmeras variações. Mas me parece que nada supera em contradição pura e covardia a formulação produzida tão tardiamente quanto 1935 por Margarete Susman, com plena consciência do fato de que havia chegado a hora para "o destino mais temível que já atingiu os judeus". Ela escreveu: "A vocação de Israel enquanto povo não é a autorrealização", como ocorre com todos os outros povos, "mas sim a auto rendição em prol de um objetivo superior e trans-histórico". Neste caso, a ilusão vai tão longe que somos convidados a acreditar - em nome dos profetas, que de fato não desejavam que Israel fosse um povo como todos os outros - que "o significado original da ideia judaica é a absorção deste povo por outros povos". O que esta declaração tem de tão terrível não é o fato de que tenha sido refutada de forma tão devastadora pela história, mas que nunca significou nada, exceto uma perversão, pela qual ideias cristãs - rejeitadas pelos judeus até seu último suspiro - agora se apresentavam como a demanda das maiores mentes judias. Tais soluções têm sido oferecidas aos judeus repetidamente e de várias fontes. Elas evidenciam uma grande desmoralização interna, um entusiasmo pelo sacrifício próprio que necessariamente permaneceu completamente sem sentido para a comunidade judaica em si, e que ninguém jamais levou a sério, exceto os antissemitas, que de fato compreenderam esse desejo dos judeus de serem absorvidos pelos alemães como uma manobra destrutiva e singularmente sinistra destinada a enfraquecer/debilitar/destruir/prejudicar/arruinar o povo alemão. Para citar um dos muitos metafísicos do antissemitismo nos anos entre 1830 e 1930 que nunca se cansava de repetir este lema: "Os judeus são o poder sombrio da negação que mata tudo aquilo o que toca. Quem quer que ceda a ele/a isso cai nas mãos da morte."

Isso, em suma, é uma análise do que, desde o início, foi um "falso começo" nas relações entre judeus e alemães, o qual trouxe os elementos de crise inerentes ao próprio processo a um desenvolvimento cada vez mais acentuado.

IV

Onde estamos agora, após o inenarrável horror daqueles doze anos, de 1933 a 1945? Judeus e alemães seguiram caminhos muito diferentes após a guerra. O segmento mais vital dos judeus tentou construir sua própria sociedade em sua própria terra. Ninguém pode dizer se a tentativa terá sucesso, mas todos sabem que a causa de Israel é uma questão de vida ou morte para os judeus. A dialética de seu empreendimento é óbvia. Eles vivem sobre um vulcão. O grande impulso que receberam da experiência da Shoá - a experiência do assassinato/massacre dos judeus pelos alemães e da apatia e insensibilidade do mundo - foi seguido por um esgotamento profundo, cujos sinais são inconfundíveis. E ainda assim o incentivo gerado pela compreensão original de sua verdadeira situação ainda está operando eficazmente.

Os alemães pagaram por sua catástrofe com a divisão de seu país, mas, por outro lado, experimentaram um recrudescimento material que lançou uma sombra sobre os anos passados. Entre essas duas montanhas, produzidas por uma erupção vulcânica, pode agora haver uma ponte, por mais instável que seja?

O abismo que os eventos escancararam entre nós não pode ser medido nem totalmente compreendido. Ao contrário de muitos em Israel, não acredito que o único meio possível de superar a distância seja admitir o abismo em nossa consciência com todas as suas dimensões e ramificações. Há pouco conforto nesse prognóstico; é mera retórica. Na verdade, não há possibilidade de compreender o que aconteceu - a incompreensibilidade está em sua essência; não há possibilidade de entendê-lo perfeitamente e, assim, incorporá-lo à nossa consciência. Essa demanda, por sua própria natureza, não pode ser atendida. Se podemos ou não de alguma forma nos encontrar neste abismo, não sei. E se este abismo, aberto por eventos indescritíveis e inimagináveis, pode algum dia ser atravessado - quem teria a presunção de dizer?

Abismos são abertos por eventos, pontes são construídas por boa vontade e pensamento consciente. Se as pontes forem feitas para durar, devem ser firmemente ancoradas de ambos os lados. O povo de Israel sofreu terrivelmente nas mãos de quase todos os povos da Europa. As pontes nas quais nos encontramos com povos que não sejam os alemães são suficientemente frágeis, mesmo quando não estão sobrecarregadas com a memória de Auschwitz. Mas - não seria essa memória uma oportunidade? Não há uma luz que brilha nessa escuridão, a luz do arrependimento? Relações frutíferas entre judeus e alemães, relações em que um passado que é ao mesmo tempo significativo e tão horrível a ponto de prejudicar a comunicação pode ser preservado e superado - tais relações devem ser preparadas com grande cuidado. Mas é somente através do esforço para trazê-las à tona que podemos garantir que os contatos oficiais entre os dois povos não sejam envenenados por fórmulas e demandas falsas. O verme da hipocrisia já está roendo delicadas raízes. Quando o amor não é mais possível, um novo entendimento requer outros ingredientes; distância, respeito, abertura e mente aberta e, acima de tudo, boa vontade - de ambos os lados.

Um jovem alemão recentemente me escreveu expressando a esperança de que, ao pensarem na Alemanha, os judeus pudessem lembrar das palavras de Isaías: "Não vos lembreis das coisas passadas, nem considereis as coisas da antiguidade." Não sei se a era messiânica concederá aos judeus o esquecimento. É um ponto delicado de teologia. Mas para nós, que devemos viver sem ilusões em uma era sem um messias, tal esperança implica o impossível. Por mais sublime que seja esquecer, nós não podemos. Somente ao lembrar de um passado que nunca dominaremos completamente podemos gerar uma nova esperança na retomada da comunicação entre alemães e judeus e na reconciliação daqueles que foram separados.

1 "Estar em outro lugar, o grande vício desta raça, a grande virtude secreta, a grande vocação deste povo."